

O PAPEL DO ERRO NA APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

LUCAS ZANELLA¹; ANA MARIA DA SILVA CAVALHEIRO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – lucas.zanella@outlook.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – anamacav@yahoo.fr*

1. INTRODUÇÃO

Através deste trabalho, busco refletir sobre minha experiência como ministrante do “Cursos de Línguas” da Universidade Federal de Pelotas, um projeto de extensão ofertando aulas semestrais de inglês, francês, espanhol e alemão à academia e à comunidade. Adentrei o projeto no primeiro semestre de 2019 para lecionar a uma das duas turmas de Francês Básico I. Como desejei seguir dando aulas, faço ainda parte do projeto no segundo semestre, novamente com uma turma de iniciantes.

Como aluno do curso de Letras – Português e Francês da UFPel, já vi que muitas vezes o medo de errar calava meus colegas. Desde meu início no curso, algum tempo de passou, mas esse ano pude observar a mesma ansiedade nos alunos para os quais dou aula. Os estudantes do primeiro semestre de francês do “Cursos de Línguas” estão, na sua grande maioria, no mesmo nível em que eu me encontrava no início dos meus estudos universitários: possuem um interesse na língua, mas não sabem sequer uma palavra no idioma alvo.

Conscientes, assim, de sua ignorância inicial, acanham-se na hora de falar na língua estrangeira. O embaraço e timidez de fazer isso na frente dos colegas pode ser um dos fatores que faz travar suas vozes, mas acredito que essa é a razão para poucos dentre eles. Na verdade, pensando em minha experiência, para a maior parte dos alunos que se sentem desconfortáveis em utilizar a língua estrangeira, o grande empecilho é pensar que, como diz CONNAC (2012, p. 14), “errar é mostrar a insuficiência do seu estudo ou a incompletude dos seus aprendizados. É correr o risco de parecer inferior aos outros, de ser submetido à zombaria [...]. Isso acarreta ao que STEVICK (*apud* GARRIDO, p. 65) chama de “aprendizagem defensiva”, pois o aluno se preocupa menos em transmitir sua mensagem e mais na sua forma. O significado, nesse caso, é posto em segunda posição em detrimento de uma gramática ou performance julgadas corretas.

Sabemos, porém, que “o erro não é uma falha, é uma informação” (FAVRE *apud* CONNAC, 2012, p. 14), isto é, “seria um auxiliar da aprendizagem” (GARRIDO, p. 52). Nenhum falante estrangeiro de uma dada língua, independente do nível, começou sua aprendizagem sem cometer erros. Pelo contrário, erra-se muito até que se acerte, mas apenas acertamos após muito errarmos. É um conceito que muitos, se não todos os alunos, já sabem instintivamente através de suas experiências: antes de conseguirem andar de bicicleta, caíram; antes de conseguirem fazer uma boa comida, ela ficava ruim; antes de saberem desenhar melhor, foram rabiscos. Porém é um conhecimento implícito que uma parcela deixa do lado de fora da sala de aula apesar de ser ali onde ele é o mais necessário.

Assim, ao levarmos esses dois tipos de pessoas para a classe, aquele que comprehende a importância do erro e aquele que prefere não participar oralmente, temos dois processos diferentes de aprendizagem. A pessoa que erra tem a oportunidade de aprender através do erro, assim transformando-o em informação. Por outro lado, a pessoa que decide não produzir em língua estrangeira não tem a mesma oportunidade, criando um obstáculo no seu próprio aprendizado.

2. METODOLOGIA

Sabendo o importante papel que tem o erro durante a aprendizagem e da reticência do aluno em cometê-lo, cabe ao professor responsável conscientizar o estudante e dar-lhe a oportunidade de baixar sua guarda, de saber que não será julgado no curso. Acredito que alguns dos modos de motivar o aluno descritos por SILVA (2019) são extremamente importantes, bem como são os que pessoalmente já tento utilizar em sala de aula:

1. O bom relacionamento entre professor e alunos faz com que o estudante não sinta a pressão de que, se errar, será rigidamente corrigido e repreendido por não ter absorvido corretamente a matéria passada.
2. Uma atmosfera agradável e encorajadora em sala de aula também tranquiliza o aluno. Uma maneira de mostrar que o erro é bem-vindo é pedir para que um aluno extrovertido use a língua estrangeira. Por ser iniciante, erros são certamente inevitáveis, mas assim o aluno receoso se sentirá à vontade para falar e errar também.
3. Estabelecer um senso de comunidade na sala de aula ajudará o aluno, pois, tendo confiança nos colegas, ele saberá que não será rechaçado por um mero erro. O sentimento de pertencimento à turma também fará com que, no eventual riso que um erro possa acarretar, o aluno não o encarará como uma zombaria e rirá junto da turma.
4. Finalmente, ajudando os alunos a construírem sua autoestima e confiança, o professor fará com que ele não sinta a mesma pressão de anteriormente. Não é uma tarefa fácil, mas acredito que reforços positivos possuem um papel importante nisso. Como aluno de longa data, sei que elogios quando válidos e o reconhecimento do seu esforço é um grande motivador e deixam-nos confiantes.

Além disso, acredito que o chamado “jeu de rôle” ajuda na desinibição. Isto é, segundo LEGENDRE (2005), uma atividade pedagógica que consiste em simulações, ou seja, a representação de situações semelhantes às da vida real através de uma cena improvisada entre dois ou mais “atores”. Nele, o estudante representará um diálogo em frente aos colegas junto de outra(s) pessoa(s) de modo não muito diferente do teatro, mas específico para o ensino de línguas.

Um exemplo de “jeu de rôle” seria um aluno precisar fazer check-in num hotel e outro ser o recepcionista, ou simplesmente uma conversa entre duas ou mais pessoas sobre um assunto trabalhado em classe. Apesar de ser uma exposição do aluno, pois estará representando em frente à turma, o ambiente descontraído da atividade deixa-os confortáveis para falar sem medo. No “jeu de rôle”, o aluno não é ele próprio, mas um personagem, isso o possibilita “sair de si” e incorporar outra pessoa.

Embora mesmo alunos extrovertidos possam ter receio de se apresentar, é importante ressaltar de modo direto que o errar faz parte do aprendizado e que essa é uma forma de utilizar a língua de modo descontraído e espontâneo, diferente do diálogo enquanto sentados em suas carteiras. Quando o aluno se aplica na atividade, sempre há risadas e descontração, assim como muito uso da língua estrangeira, inclusive por pessoas introvertidas que, face a esse ambiente propício ao treinamento, autorizam-se a participar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi apenas no final do primeiro e no segundo semestre de 2019 que passei a utilizar os “*jeux de rôles*” na sala de aula. Anteriormente, os alunos faziam seus diálogos dos seus lugares, o que dava uma certa rigidez na hora de falar na língua alvo. Percebi, nesses dois casos, o receio inicial ao se expor em frente à turma, mas também vi a descontração que se instalou após passado o período de nervosismo. O riso foi um grande catalisador, pois no momento em que os alunos perceberam que não havia uma grande cobrança de “falar corretamente”, eles se sentiram confortáveis em representar ao público. De todo modo, ainda foram poucas experiências e outras aulas com novos “*jeux de rôles*” teriam de ser dadas para a obtenção de um resultado mais acurado.

Já consigo ver, porém, um progresso mais rápido na minha segunda turma, com a qual já comecei a fazer a atividade desde o início. Apesar de lacunas na aprendizagem devido a feriados, eles estão gradualmente se sentindo à vontade para utilizar a língua estrangeira, independente de errar ou não.

4. CONCLUSÕES

Assim, vemos que o erro não é um empecilho nas aulas, mas, na verdade, uma ferramenta necessária do aprendizado e com a qual o aluno deve experimentar para conseguir progredir.

Infelizmente, é grande o número de alunos que possuem medo de errar ao falar na língua alvo, mas um bom relacionamento professor-aluno, uma atmosfera agradável e encorajadora, um senso de comunidade entre os colegas, a ajuda do professor para desenvolver confiança e alguns “*jeux de rôles*” são grandes fatores que possibilitarão o aluno de sair de seu casulo e compreender que o erro é, não uma evidência da ignorância ou da falta de estudo, mas uma informação que podemos e devemos utilizar no aprendizado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cahiers Pédagogiques. *L'erreur pour apprendre*. CRAP, Paris, jan. 2012. Acessado em 14 set. 2019. Online. Disponível em: http://www.clg-fort-montlhery.ac-versailles.fr/IMG/pdf/Cahiers_pedagogiques_494.pdf

CHARMEUX, Éveline. *Si l'on n'apprend pas à échouer, on échoue à apprendre*. Jan. 2011. Acessado em 15 set. 2019. Online. Disponível em: <https://www.charmeux.fr/blog/index.php?2011/01/13/167-si-l-on-n-apprend-pas-a-echouer-on-echoue-a-apprendre>

CHIAHOU, Elkouria; IZQUIERDO, Elsa; LESTANG, Maria. *Le traitement de l'erreur et la notion de progression dans l'enseignement/apprentissage des langues*. Cahiers de l'APIAUT, 2009. Acessado em 15 set. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/apiut/105>

GARRIDO, A. M. P. C. *Errar é humano! A vivência de erros e seus efeitos na produção oral sob a perspectiva do aluno de Inglês como Língua Estrangeira*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LEGENDRE, Renald. **Dictionnaire actuel de l'éducation**. Montréal, Guérin, 2005.

SILVA, Marcus F. **O papel da motivação no aprendizado de inglês como língua estrangeira na escola pública**. 2019. Acessado em 14 set. 2019. Online. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SENALE_IV/IV_SENALE/marcus_f_da_siva.htm

XU, Yiru. **Le jeu de rôle dans l'évaluation de l'oral en français langue étrangère: enjeux et défis**. Lyon, jan. 2015. Acessado em 15 set. 2019. Online. Disponível em: https://impec.sciencesconf.org/conference/impec/pages/XU_Yiru_Cadre_Goffman.pdf